

CEGUEIRA MORAL: a perda da sensibilidade na modernidade líquida

José Dantas de Sousa Junior¹

Neste trabalho, Zygmunt Bauman através de um diálogo com o filósofo lituânio Leônidas Donskis, traz à tona questão da perda de sensibilidade nas relações sociais do mundo líquido-moderno. Livro de 263 páginas dividido em cinco capítulos que envolvem o discurso de diversos filósofos da modernidade e que traz novas maneiras de pensar os problemas existentes na sociedade. Podemos ver que a visão de uma Modernidade Líquida, como identificada por Bauman, já toma outra denominação dada pelo próprio autor em virtude dos novos fenômenos e transformações que vem acontecendo de forma cada vez mais acelerada na sociedade contemporânea. Um mundo líquido moderno, como assim começa a ser chamado por este ser marcado pelo rompimento de laços tradicionais, diferente de épocas anteriores, no qual não se tem mais a previsão e a duração das coisas. Ao aprofundar as suas pesquisas no atual momento em que vivemos, o brilhante autor polonês detecta uma perda de sensibilidade das pessoas, aonde estas deixam de perceber e sentir tudo que está a sua volta, tendo a visão voltada para o consumismo e para o mais racional, podemos dizer dentro de uma lógica individualista e mercadológica.

Logo no primeiro capítulo do trabalho, os autores debatem a questão do mal na sociedade contemporânea, que hoje em dia não representa mais a figura do ditador totalitário, das guerras e das invasões, de figuras escatológicas medievais e de doutrinas religiosas. Hoje para os autores, o mal é visto de todos os lados, sem ter uma forma exata. Assim como todo mal tem a obrigação de ser exterminado, as pessoas partem para estatísticas e se voltam para as exigências do mercado de trabalho e do consumo. Desta forma, as pessoas passam para olhar apenas para si mesmas, como necessidade da sociedade contemporânea. Da sociedade líquido-moderna.

¹Doutorando do Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN. Natal, Brasil. E-mail: yjunior2013@yahoo.com.br

“O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso. (BAUMAN & DONSKIS, 2014, p. 16).

Existe, na opinião dos autores, um afastamento das pessoas com as regras morais da sociedade, pensando somente no que lhes possam ser racionais. Não importa mais a dor dos outros, os sentimentos das pessoas, a perda de sua história, de sua cultura, algo que Bauman denomina de “adiaforização”. Essa quebra de laços tradicionais, do individualismo exagerado e da preocupação apenas em si mesmo, se fossemos levar em pressupostos durkheimianos, poderíamos dizer que a sociedade está sob um estado de “anomia”. Isto não citado pelos autores, mas de nossa lembrança. Para Bauman, a sociedade agora está voltada para a construção de identidades privatizadas e não para as demandas da coletividade.

“A não percepção dos primeiros sinais de que algo pode dar ou já está dando errado com nossa capacidade de conviver e com a viabilidade da comunidade humana, e que, se nada for feito, as coisas poderão piorar, significa que o perigo saiu de nossa vista e tem sido subestimado por tempo suficiente para desabilitar as interações humanas como fatores potenciais de autodefesa comunal – tornando-as superficiais, frágeis e fissíparas” (BAUMAN & DONKIS, 2014, p. 22).

No segundo capítulo, denominado como *"A crise da política e a busca da linguagem da sensibilidade"*, os autores começam a se aprofundar nas discussões sobre as redes sociais. Essas novas formas de relações sociais, agora sócio-virtuais, que contribuíram para que a tecnologia se colocasse acima da política. Como os autores falam da perda da confiança e da sensibilidade, não poderiam deixar de falar que as pessoas perderam a confiança na política, e principalmente em seus políticos, relatando as crescentes manifestações populares, em que as pessoas estão indo às ruas reivindicar e até exigir a saída de seus governantes. Muitos desses eventos são organizados e convocados através das redes sociais, mostrando assim que existe um lado ruim e um lado bom no avanço da tecnologia, formas de comunicação mais rápidas e de maior abrangência.

Porém, estas também podem servir como instrumentos de manipulação ou até de alienação social.

O terceiro capítulo, este intitulado de *"Entre o medo e a indiferença: a perda da sensibilidade"*, como no título já nos dá dica, os autores debatem sobre o medo na vida das pessoas na sociedade contemporânea, na qual é marcada por uma incerteza prolongada. Para Bauman, o medo e a modernidade são *"irmãos gêmeos"*. A insegurança, as mudanças e as inovações são características do mundo pós-moderno, assim como a violência, o crime, as guerras, as invasões, coisas que trazem e também já são resultado da perda da sensibilidade.

O quarto capítulo, chamado de *"Universidade do consumo: o novo senso de insignificância e a perda de critérios"*, os autores falam de uma crise no sistema educacional, no qual é descartada a preparação ao longo prazo, e sim em curto prazo. Nas universidades e cursos, os alunos não são mais preparados para uma vida social e sim de mercado, ao passo que podem ser descartados deste facilmente, caso não atinja as metas desejadas. Nesta sociedade...

Não se trata mais do sonho do conde Giovanni Pico della Mirandola, de um indivíduo humano capaz de moldar a si mesmo. O paradoxo é que o indivíduo agora é moldado pela globalização e suas forças anônimas. (BAUMAN & DONSKIS 2014 p. 159).

Ainda neste capítulo, os autores prosseguem trazendo grandes obras de autores diferentes, como 1984, de George Orwell, Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, e Nós, de Yevgeny Zamyatin, entre outros que alertaram sobre o que acontecia em sua época e do que poderia ocorrer no futuro da humanidade. Bauman assim vai fundamentando as suas colocações como ocorre em praticamente todos os seus livros, sendo uma das características que tornam a leitura de seus trabalhos tão atraentes e instigantes. Principalmente em debates com outros filósofos da modernidade, assim como Donskis.

No quinto e último capítulo, *"Repensando a decadência do Ocidente"*, o maior do livro com 60 páginas, os autores relacionam duas obras literárias tentando analisar o atual momento da Europa e suas mudanças políticas e culturais. Utilizam assim *"A decadência do Ocidente"* de Spengler, como já visto no título do capítulo, e *"A possibilidade de uma*

ilha” de Howellebecq. Bauman reitera que muitos de nossos desafios e problemas ainda são de ordem local e dessa forma não podem ter soluções globais, algo que gera uma grande reflexão de como pensar os problemas da sociedade moderna. Além disto, também destaca que uma cultura viva cria as suas próprias formas de vida.

“Felizes eram os tempos em que havia formas evidentes de mal. Hoje não sabemos mais quais são elas e onde estão. Tudo se torna claro quando alguém perde a memória e a capacidade de ver e sentir. Eis aqui uma lista de nossos novos bloqueios mentais. Ela inclui nosso esquecimento deliberado do Outro, a recusa proposital em reconhecer e admitir um ser humano de outro tipo, ao mesmo tempo em que descartamos alguém vivo, real, e que está fazendo e dizendo alguma coisa bem ao nosso lado – tudo em nome de fabricar um “amigo” no Facebook distinto de você e que talvez viva em outra realidade semiótica.” (BAUMAN & DONKIS 2014, p. 18).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. & DONKIS, L. Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.